

APARTAMENTOS NO DF

Eles não são mais os mesmos

Pesquisa da UnB mostra que moradias das superquadras estão mais quentes

ADRIANA CAITANO

No ano em que Brasília comemora 47 anos, estudo da Universidade de Brasília (UnB) alerta sobre o conforto nas superquadras. Uma pesquisa feita pela professora Marta Romero e pesquisadores do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada a Arquitetura e Urbanismo (Lasus), da universidade, mostra que os edifícios construídos a partir dos anos 1990 estão alterando o microclima local. Se antes as moradias eram frescas ao permitir a ventilação cruzada, hoje elas estão mais quentes e pouco ventiladas. Não foi preciso medir a temperatura nos apartamentos para chegar a essa constatação. Bastou observar a lógica na construção dos prédios.

Edifícios mais largos, descharacterização dos pilotis, apartamentos não-vazados, sacadas fechadas, falta de bri-



Apartamentos não-vazados, sacadas fechadas, falta de brises e fachadas espelhadas comprometem a ventilação

ses (espécie de anteparo para bloquear o excesso de luminosidade), fachadas espelhadas, árvores ornamentais que não fornecem sombra. Todos esses elementos, permitidos por lei, prejudicam a circulação de ar nos apartamentos e

aumentam a temperatura do ar nos prédios.

Os blocos residenciais da Asa Norte, por serem mais novos, são os mais problemáticos. Os projetos mais deturpados ficam nas superquadras 212 e 214 Norte e os mais

preservados estão na 207, 105, 104 e 308 Sul.

“As construtoras têm optado por essas novidades por modismo, ganância ou desconhecimento. É insano usar fachada transparente e espelhada na latitude onde Brasília se

encontra, a 16º do Equador”, afirma Marta. Segundo a professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), essa solução é usada no hemisfério Norte, onde é mais frio, justamente para tornar as moradias mais aquecidas.

Prédios cercados por grades dificultam circulação

A lei que regulamenta as construções em Brasília – o Código de Obras da cidade – já passou por três modificações entre 1960 e a atualidade. A mais significativa ocorreu em 1998 e permitiu que a largura dos blocos passasse de 12,5 metros para 18,5 metros. “Os prédios ficaram mais próximos uns dos outros, o que dificulta a circulação de ar”, observa a professora. A ventilação também fica prejudicada e o ar aquecido fica estagnado na cavidade que se forma entre os edifícios próximos. Além disso, o que era para ser um espaço de circulação dos pedestres – o chão embaixo dos pilotis – acaba sendo uma obstrução não somente à passagem, mas à brisa do lugar. Essa área tem muitos espaços fechados, como bicicletários, salão de festas e, em alguns casos, grades ao redor dos prédios.

Marta também explica que não faz sentido ter à frente dos edifícios pequenos ar-

bustos ou palmeiras, como na quadra 303 Norte. As árvores devem ter copas densas e altas para sombrear a superfície das fachadas bloqueando a radiação solar direta e proporcionando um clima ameno nas moradias.

“Se fosse retirada a cobertura arbórea das quadras e colocado asfalto no lugar, teríamos um aumento de 5°C na temperatura”, calcula. Ela ainda alerta para uma mudança pouco perceptível para os leigos: a espessura das paredes externas que antes eram de 15 centímetros passaram a ter nove centímetros, o que não é mais suficiente para retardar a passagem da radiação e diminuir o calor no interior.

Garagens

Segundo a professora da UnB, com as mudanças feitas no código em 1998, os blocos residenciais passaram de 48 apartamentos para 96. Considerando uma média de dois carros por moradia, quadru-

plicou a necessidade de estacionamentos. Por isso, espaços que antes eram vazios e gramados passaram a ser pavimentados. O asfalto também contribui para formar ilhas de calor entre os edifícios. “Nesse sentido, as garagens subterrâneas são menos impactantes porque elas não afetam o microclima das superquadras e resolvem o problema dos estacionamentos”, defende a arquiteta.

A professora também sugere a retomada de elementos da arquitetura original brasileira, como a existência de varandas abertas e do pé direito alto, e a manutenção do projeto original de Lúcio Costa. “Ele criou um projeto sustentável, antes mesmo desse conceito ser usado amplamente”, diz.

O calor resultante das mudanças nas edificações, de acordo com a pesquisa, ameaça a sustentabilidade porque leva a um consumo maior de energia. Para man-

ter o clima agradável dentro dos apartamentos, os moradores precisam ligar ventiladores e condicionadores de ar. “É preciso conscienci-

zar as pessoas de que elas estão comprando uma unidade imobiliária com menos qualidade”, alerta Marta. (UnB Agência)

DADOS DA PESQUISA

- A superquadra 211 Sul apresenta blocos construídos em várias épocas. A largura deles varia desde os 12,5 metros (originais) até os mais recentes, com 18,5 metros.
- Nas quadras 211, 213, 314, 315 e 412 Sul foram encontrados obstáculos que impediam ou dificultavam a passagem dos pedestres em 37,5% dos passeios.
- Já na Asa Norte, as quadras 115, 212, 214, 216, 316, e 415 possuem uma média de 67% dos passeios interrompidos.
- 90% dos prédios da 211, 213, 314, 315 e 412 Sul possuem rampa para deficientes, mas em apenas 4% dos edifícios elas estão dos dois lados.
- A tendência, em todo o Distrito Federal, é que cada bloco residencial, apesar de ter sido construído sobre pilotis justamente para permitir a livre circulação dos transeuntes, se feche inteiramente por meio de cercas vivas e/ou alambrados.
- É possível que no futuro as quadras se fechem e se transformem em grandes condomínios.
- Na 115, 212, 214, 216, 316 e 415 Norte, uma média de 86% de visibilidade dos prédios está impedida.
- Na 303 Norte, apenas um único prédio tem árvores que lhe propiciam sombra.
- Na 103 Norte, há blocos onde todo o espaço dos pilotis é fechado com grades.